

*Eles são perdidamente apaixonados,
mas objetivos diferentes vão pôr
seu amor à prova*



A REDENÇÃO DE GABRIEL



SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*

SYLVAIN REYNARD

A REDENÇÃO
DE GABRIEL





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

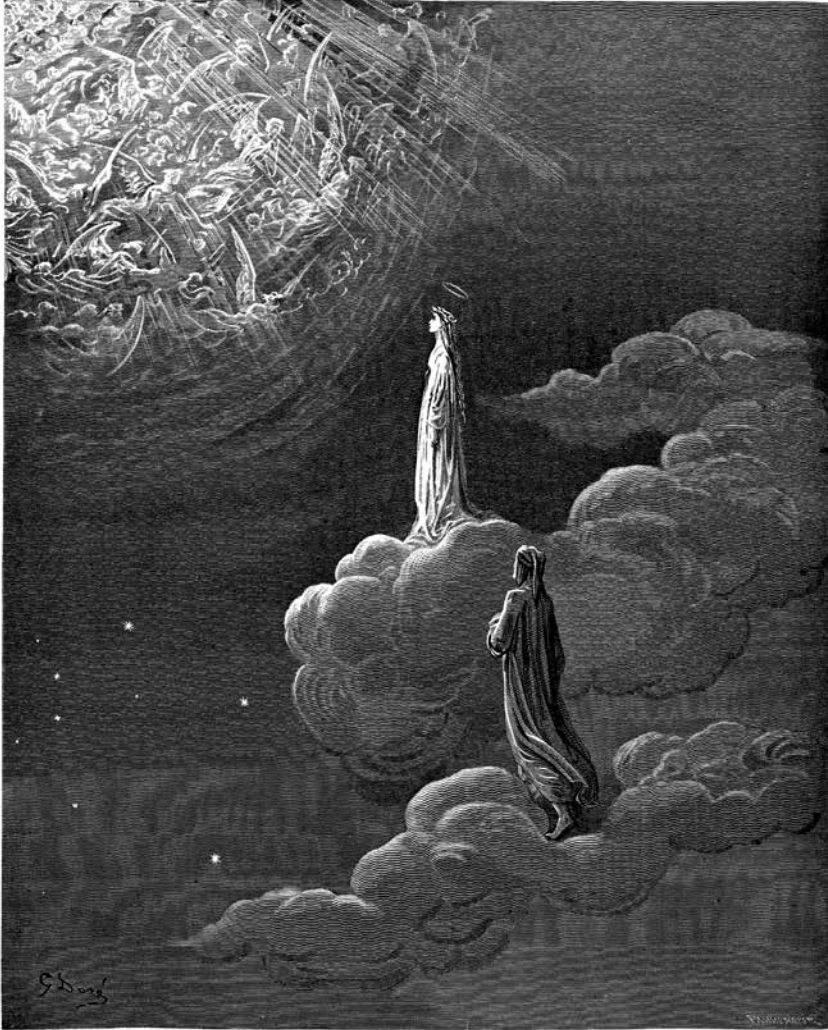
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Aos meus leitores,
com gratidão.*



Dante e Beatriz ascendem à esfera de Marte
Gravura de Gustave Doré, c. 1868

“A esperança”, disse eu, “é a expectativa segura
Da glória futura, que resulta
Da graça divina e do mérito precedente.”

– DANTE ALIGHIERI, *Paraíso*, Canto 25

PRÓLOGO

1292

Florença, Itália

O poeta se levantou da mesa e olhou pela janela sua adorada cidade. Embora a arquitetura e as ruas o chamassem, o faziam com vozes ocas, sem vida. Era como se uma grande luz tivesse se apagado, não só na cidade, mas no mundo todo.

“Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua domina gentium...”

Ele correu os olhos pela citação do Livro das Lamentações, da *Bíblia*, que escrevera havia pouco. As palavras do profeta Jeremias eram tristemente inadequadas.

– Beatriz – sussurrou ele, o coração se apertando no peito. Mesmo agora, dois anos após sua morte, era-lhe difícil escrever sobre essa perda.

Ela permaneceria para sempre jovem, nobre, e seria eternamente sua bem-aventurança, e nem toda a poesia do mundo conseguiria expressar sua devoção por ela. Mas, em consideração a sua memória e ao amor dos dois, ele tentaria.

CAPÍTULO UM

Junho de 2011

Selinsgrove, Pensilvânia

O professor Gabriel Emerson estava parado à porta do seu escritório, com as mãos nos bolsos, olhando para a esposa com considerável paixão. Alto e atlético, ele tinha uma imagem arrebatadora, com seus traços rústicos e olhos cor de safira.

Ele a conhecera quando ela era uma jovem de 17 anos (dez a menos do que ele) e se apaixonara. Os dois haviam sido separados pelo tempo e pelas circunstâncias, mas, acima de tudo, pelo estilo de vida hedonista de Gabriel.

Ainda assim, o Céu lhes havia sorrido. Seis anos mais tarde ela se tornara sua aluna de pós-graduação em Toronto, o que reacendeu a paixão entre eles. Casaram-se um ano e meio depois. Agora que já tinham quase seis meses de casados, ele a amava ainda mais do que antes. Invejava até o ar que ela respirava.

Havia esperado tempo demais pelo que estava prestes a fazer. Talvez ela precisasse ser seduzida, mas Gabriel orgulhava-se de ser um mestre da sedução.

Os acordes da canção “Mango”, de Bruce Cockburn, flutuavam pelo ar, evocando lembranças da viagem a Belize, que eles fizeram antes de se casarem. Na ocasião, tinham feito amor em vários lugares ao ar livre, inclusive na praia.

Julia estava sentada à mesa, sem se dar conta da música ou de que ele a observava. Digitava no laptop, cercada de livros, pastas de arquivo e de duas caixas de papéis que Gabriel fizera a gentileza de trazer do andar de baixo da antiga casa de seus pais.

Havia uma semana que estavam morando em Selinsgrove – uma trégua em suas vidas agitadas em Cambridge, Massachusetts. Gabriel dava aulas na Universidade de Boston, e Julia terminara pouco tempo antes o primeiro ano do doutorado em Harvard, sob a orientação de uma brilhante acadêmica, ex-professora de Oxford. Eles haviam fugido de Cambridge porque a casa na Harvard Square estava uma bagunça, por conta de uma reforma para expandi-la.

A casa da família Clark em Selinsgrove fora reformada antes de eles chegarem, seguindo com exatidão os padrões de Gabriel. Grande parte da mobília deixada por Richard, o pai adotivo de Gabriel, tinha ido para um depósito.

Julia escolhera cortinas e móveis novos e convencera Gabriel a ajudá-la a pintar as paredes. O gosto estético dele pendia mais para madeiras escuras e couro marrom, mas Julia preferia as cores claras de uma casa de praia, com paredes e mobília pintadas de branco, realçadas com vários tons de azul.

Gabriel havia pendurado no escritório reproduções de pinturas que enfeitavam a casa deles na Harvard Square – *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday, *Primavera*, de Botticelli, e *Madona com a criança e dois anjos*, de Fra Filippo Lippi. Ele se pegou analisando com atenção o último quadro.

Era possível dizer que aquelas pinturas ilustravam as etapas do relacionamento deles. A primeira retratava o encontro dos dois e a obsessão crescente de Gabriel por Julia. A segunda representava a flecha de Cupido atingindo-a quando ele já não se lembrava dela, além do namoro e do casamento subsequente. Por fim, a pintura da Madona mostrava o que Gabriel esperava do futuro.

Aquela era a terceira noite que Julia passava sentada à mesa, preparando sua primeira palestra pública, que ela daria em Oxford no mês seguinte. Quatro dias antes, quando os móveis ainda não tinham sido entregues, eles haviam feito amor no chão do quarto, sujos de tinta.

(Julia descobrira que pintura corporal com Gabriel era seu novo esporte favorito.)

Com as lembranças da conexão física entre eles em mente e ouvindo o ritmo da música acelerar, a paciência dele chegou ao fim. Eles eram recém-casados. Gabriel não tinha a menor intenção de deixar que ela o ignorasse por mais uma noite.

Aproximou-se dela, sorrateiro, com passos silenciosos. Afastou os cabelos de Julia, que lhe caíam sobre os ombros, expondo seu pescoço. Os pelos curtos da barba por fazer roçaram a pele dela, e ele intensificou seus beijos.

– *Venha* – sussurrou ele.

A pele de Julia se arrepiou. Os dedos longos e finos de Gabriel contornavam o arco do seu pescoço enquanto ele esperava.

– Ainda não terminei a palestra. – Julia ergueu seu belo rosto para encará-lo. – Não quero que a professora Picton passe vergonha, afinal foi ela quem me convidou. Sou a mais jovem do doutorado.

– Você não vai fazê-la passar vergonha. E ainda tem muito tempo para terminar a palestra.

– Preciso arrumar a casa para a sua família. Eles vão chegar daqui a dois dias.

– Eles não são minha família. – Gabriel a encarou com um olhar tórrido. – São a *nossa* família. E vou contratar uma empregada. Venha. Traga a manta.

Julia se virou e viu uma familiar manta de lã escocesa jogada sobre a poltrona branca que ficava debaixo da janela. Olhou para o bosque que delimitava o quintal.

– Está escuro.

– Eu protejo você.

Ele a ajudou a se levantar e envolveu-lhe a cintura com os braços por alguns instantes, colando seu peito ao dela.

Julia sentiu o calor do corpo dele através do tecido fino de seu vestido de verão, a temperatura reconfortante e sedutora.

– Por que você quer visitar o pomar no escuro? – provocou ela, tirando os óculos do rosto do marido e pousando-os sobre a mesa.

Gabriel a fitou com um olhar capaz de derreter neve. Então, colando os lábios à orelha dela, disse:

– Quero ver sua pele nua brilhar sob o luar *enquanto estou dentro de você*.

Ele mordiscou de leve a orelha de Julia. Em seguida, começou a explorar seu pescoço, cobrindo-o de beijos e mordidinhas, fazendo os batimentos cardíacos dela acelerarem.

– Uma declaração de desejo – sussurrou ele.

Julia se entregou às sensações, finalmente percebendo a música no ar. Sentiu o cheiro de Gabriel, uma mistura de hortelã e Artemis.

Ele a soltou, observando-a pegar a manta como um gato observaria um rato.

– Imagino que Guido da Montefeltro possa esperar – disse ela, olhando para suas anotações.

– Ele está morto há setecentos anos. Eu diria que já está acostumado a esperar – falou ele, sorrindo.

Julia retribuiu o sorriso, ajeitando a manta nos braços para segurar a mão que Gabriel lhe oferecia.

Enquanto eles desciam as escadas e atravessavam o jardim, uma expressão travessa tomou o rosto de Gabriel.

– Você já fez amor em um pomar antes?

Ela arregalou os olhos e negou com a cabeça.

– Então fico feliz em ser o primeiro.

Julia apertou a mão dele com mais força.

– Você é meu último, Gabriel. O único.

Ele acelerou o passo e acendeu a lanterna quando os dois adentraram o bosque atrás da casa. Gabriel foi na frente, evitando as raízes expostas e as irregularidades do terreno.

Era junho e fazia muito calor na Pensilvânia. O bosque era cerrado e o dossel formado pelas copas das árvores bloqueava a maior parte da luz da lua e das estrelas. O canto noturno dos pássaros e o som dos gafanhotos fazia com que o ar parecesse estar vivo.

Em pouco tempo eles chegaram à clareira. Flores do campo salpicavam o espaço verde. No outro extremo da clareira havia diversas macieiras antigas. Por trás dos vestígios do velho pomar, as novas árvores que Gabriel havia plantado erguiam seus galhos para o céu.

À medida que eles se aproximavam do centro da clareira, o corpo de Gabriel foi relaxando. Algo naquele lugar, quer fosse sagrado ou não, sempre o tranquilizava.

Julia o observou estender a manta com cuidado sobre a grama espessa, desligando a lanterna em seguida. A escuridão os envolveu como uma capa de veludo.

A lua cheia brilhava no céu, sua face pálida vez por outra ocultada por nuvens passageiras. Estrelas cintilavam sobre suas cabeças.

Gabriel passou as mãos pelos braços dela, antes de percorrer com os dedos o singelo decote do seu vestido de verão.

– Gosto disto – murmurou ele.

Admirou sem pressa a beleza da esposa, evidente até mesmo na penumbra: o contorno das maçãs do rosto, os lábios carnudos, os olhos grandes e expressivos. Gabriel ergueu o queixo de Julia e colou seus lábios aos dela.

Foi o beijo de um amante fervoroso, que queria comunicar com sua boca o desejo que sentia. Ele pressionou seu corpo alto contra as formas delicadas de Julia, os dedos se emaranhando nos cabelos castanhos e sedosos dela.

– E se alguém nos vir? – perguntou ela, ofegante, antes de enfiar a língua na boca de Gabriel.

Ela explorou ardorosamente o seu corpo até ele recuar.

– Este bosque é particular. E, como você mesma disse, está escuro.

As mãos dele encontraram a cintura de Julia, espalmando-se sobre a base das suas costas.

Ele acariciou as covinhas que ela tinha ali, como se fossem adorados marcos geológicos, antes de subir até seus ombros. Sem cerimônia, Gabriel tirou o vestido dela devagar, largando-o sobre a manta. Então abriu o sutiã com um simples girar de dedos.

Ela deu uma risadinha diante daquele movimento hábil, enquanto segurava o sutiã no lugar para se cobrir. Era de renda preta e provocativamente transparente.

– Você é muito bom nisso – comentou ela.

– Em quê?

Gabriel aninhou os seios dela em suas mãos grandes, por sobre o sutiã.

– Em tirar sutiãs no escuro.

O silêncio de Gabriel ecoou ao redor deles. Ele não gostava de ser lembrado do seu passado.

Julia ficou na ponta dos pés para dar um beijo no queixo anguloso dele.

– Não estou reclamando. Afinal, quem sai ganhando com sua habilidade sou eu.

Ao ouvir essas palavras, ele traçou os contornos dos seios de Julia através da renda.

– Por mais que eu goste da sua lingerie, Julianne, prefiro você nua.

– Não sei... – Ela espiou por sobre o ombro, vasculhando a área em torno da clareira. – Parece que alguém vai nos interromper a qualquer momento.

– Olhe para mim.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Estamos sozinhos aqui. E o que vejo é de tirar o fôlego.

Com mais um movimento provocante, ele soltou os seios de Julia e deslizou as mãos pelas colinas e pelos vales das costas dela, espalmando-as em seguida sobre os quadris. Os dedos dele pairavam sobre a pele dela.

– Eu vou cobrir você.

– Com o quê? Com a manta?

– Com o meu corpo. Mesmo que alguém nos surpreenda, não vou deixar que a vejam. Eu prometo.

O cantos dos lábios de Julia se curvaram num sorriso.

– Você pensa em tudo.

– Só penso em você. Você é tudo para mim.

Gabriel aceitou os lábios que ela lhe oferecia e, contendo-se ao máximo, descolou o sutiã de renda do corpo de Julia. Beijou-a com paixão, explorando languidamente sua boca, antes de baixar sua calcinha.

Agora ela estava nua à sua frente, no pomar deles.

Ó deuses do sexo em pomares, pensou ela. Por favor, não permitam que ninguém nos interrompa.

Ela tirou a blusa de Gabriel com avidez, os dedos brincando com os poucos fios de cabelo no peito dele. Então deslizou as mãos por seus músculos abdominais para desafivelar o cinto.

Quando os dois estavam nus, ele a envolveu em seus braços e Julia deu um suspiro.

– Ainda bem que está calor – sussurrou ele. – Só trouxemos uma manta.

Com um sorriso, ela se deitou no chão e Gabriel a cobriu com seu corpo. Seus

olhos azuis fitaram os dela enquanto ele pousava as mãos uma em cada lado do seu rosto.

– “Ao Leito Nupcial eu a levo, suas faces rubras como a manhã: nessa hora, todo o Céu e as jubilosas estrelas sobre nós...”

– *Paraíso perdido* – sussurrou ela, acariciando a barba por fazer em seu queixo.

– Mas, aqui, só consigo pensar em Paraíso encontrado.

– Deveríamos ter nos casado aqui. Deveríamos ter feito amor pela primeira vez aqui.

Ela correu os dedos pelos cabelos de Gabriel.

– Estamos aqui agora.

– Foi neste lugar que descobri a verdadeira beleza.

Ele tornou a beijá-la, suas mãos a explorando com carinho. Julia retribuiu as carícias e a paixão dos dois se inflamou, ardendo em chamas.

Nos meses que se seguiram ao casamento, o desejo que sentiam um pelo outro não diminuiu, tampouco a doçura com que se amavam. As palavras se dissolviam, fundiam-se a movimentos, toques e à bênção do amor físico.

Gabriel conhecia a esposa: conhecia sua libido e sua excitação, sua impaciência e seu êxtase. Eles fizeram amor cercados pela escuridão e pelo verde da natureza.

Na extremidade da clareira, as velhas macieiras que observaram o amor casto dos dois no passado desviaram os olhos com pudor.

Depois de enfim recuperarem o fôlego, Julia ficou deitada ali, leve como uma pluma, admirando as estrelas.

– Tenho um presente para você.

Ele tateou em busca da lanterna e a usou para encontrar a calça. Quando voltou para o lado de Julia, prendeu um objeto frio em torno do seu pescoço.

Julia olhou para baixo e viu um colar com três pingentes: um coração, uma maçã e um livro.

– É lindo – sussurrou ela, acariciando os pingentes um a um.

– Mandei vir de Londres. As argolas e os pingentes são de prata, com exceção da maçã, que é de ouro. Ela representa o dia em que nos conhecemos.

– E o livro?

– Tem “Dante” gravado na capa.

Ela olhou para ele um pouco envergonhada.

– Por acaso me esqueci de alguma data especial?

– Não. Mas eu gosto de lhe dar presentes.

Julia o beijou com paixão e ele a deitou de costas, tornando a afastar a lanterna.

Quando se separaram, ele pousou a mão na barriga lisa de Julia e levou os lábios ao ponto logo abaixo do polegar.

– Quero plantar meu filho aqui.

As palavras dele ecoaram na clareira e Julia ficou petrificada.

– O quê?

– Quero ter um filho com você.

Ela prendeu a respiração.

– Tão cedo?

O polegar dele percorreu sua pele.

– Nunca sabemos quanto tempo nos resta.

Julia pensou em Grace, a mãe adotiva de Gabriel, e em sua própria mãe, Sharon. Ambas haviam morrido cedo, mas sob circunstâncias muito diferentes.

– Dante perdeu Beatriz quando ela tinha apenas 24 anos – prosseguiu ele. – Perder você seria devastador.

Julia ergueu a mão para tocar a covinha no queixo dele.

– Nada dessa conversa mórbida. Não aqui, depois de celebrarmos a vida e o amor.

Gabriel deu vários beijos arrependidos na barriga de Julia antes de se reclinar de lado.

– Já sou quase mais velha que Beatriz e estou saudável. – Ela pousou a mão no peito de Gabriel, sobre a tatuagem de um coração que sangrava, tocando o nome inscrito nele. – Sua ansiedade é por causa de Maia?

O rosto dele ficou tenso.

– Não.

– Se for, não tem problema.

– Eu sei que ela está feliz.

– Também acredito nisso. – Julia hesitou, como se quisesse falar algo mais.

– O que foi?

– Estava pensando em Sharon.

– E?

– Ela não foi uma mãe exemplar.

Ele se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dela.

– Você será uma excelente mãe. É carinhosa, paciente e tem bom coração.

– Não saberia o que fazer.

– Nós descobriríamos juntos. Eu é que deveria estar preocupado. Meus pais biológicos eram a personificação dos comportamentos não funcionais e não poderiam ter sido mais disfuncionais. E meu passado está longe de ser moralmente impecável.

Julia balançou a cabeça.

– Você é ótimo com o bebezinho da Tammy. Até o seu irmão concorda com isso. Mas ainda é muito cedo para termos um filho, Gabriel. Só estamos casados há seis meses. E quero terminar meu doutorado.

– Eu concordei com isso, lembra? – Ele deslizou um dedo pelo arco das costelas de Julia.

– A vida de casados é maravilhosa, mas tem sido uma adaptação. Para nós dois.

Ele deteve seus movimentos.

– É verdade. Mas precisamos conversar sobre o futuro. Quanto antes eu falar com meu médico, melhor. Faz tanto tempo que fiz a vasectomia que talvez não seja possível revertê-la.

– Há mais de uma maneira de formar uma família. Podemos cogitar outras possibilidades médicas. Podemos adotar uma criança do orfanato franciscano em Florença. Na hora certa. – O rosto dela se encheu de esperança.

Ele afastou um cacho do rosto dela.

– Podemos fazer todas essas coisas. Pretendo levá-la à Úmbria depois da conferência, antes de irmos à exposição em Florença. Mas, quando voltarmos da Europa, gostaria de conversar com meu médico.

– Está bem.

Ele a puxou para cima de si. Uma estranha corrente elétrica pareceu percorrer os dois quando Gabriel a agarrou pelos quadris.

– Assim que você estiver pronta, podemos começar a tentar.

Ela sorriu.

– Talvez seja melhor praticarmos bastante antes.

– Sem dúvida.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, Julia acordou bem cedo, sobressaltada. Ainda não havia amanhecido e o quarto estava silencioso; os únicos sons eram o da respiração ritmada de Gabriel e o chilrear distante dos pássaros lá fora.

Ela puxou as cobertas para junto do peito nu e fechou os olhos, forçando a respiração a se acalmar. Isso serviu apenas para trazer as cenas do seu pesadelo à tona com total clareza.

Ela estava em Harvard, correndo pelo campus à procura do local da sua prova de qualificação. Julia parava todos que encontrava pelo caminho, implorando por ajuda, mas ninguém parecia saber onde a banca examinadora estava reunida.

Então ouviu o som de alguém chorando e ficou chocada ao ver que havia um bebê em seus braços. Ela o colou ao peito, tentando silenciá-lo, mas a criança não parava de chorar.

De repente, estava parada diante do professor Matthews, o chefe do departamento. Um grande cartaz à sua esquerda indicava que a prova estava acontecendo na sala atrás dele. Matthews bloqueava a porta e dizia a Julia que não era permitida a entrada de crianças.

Ela tentou argumentar. Prometeu que não deixaria o bebê chorar. Implorou que ele lhe desse uma chance. Todas as esperanças e o sonho de terminar o doutorado e se tornar uma especialista em Dante dependiam daquela prova de qualificação. Se não a fizesse, seria afastada do programa.

Foi então que a criança em seus braços começou a gritar. O professor Matthews fechou a cara e apontou para as escadas, mandando-a ir embora.

Julia sentiu um braço sobre seu corpo, abraçando-a. Olhou para o lado e viu que Gabriel ainda dormia. Algo em seu estado inconsciente deve tê-lo impedido a confortá-la. Observou-o com uma mistura de amor e ansiedade, o corpo ainda tremendo por causa do pesadelo.

Ela se levantou, cambaleou até o banheiro, acendeu as luzes e abriu o chuveiro. Esperava que a água quente a acalmasse. As luzes fortes sem dúvida ajudaram a dispersar um pouco a escuridão.

Debaixo do chuveiro de teto, tentou esquecer o pesadelo e outras preocupações que lutavam para vir à tona em sua mente – a palestra, a visita iminente da família, a repentina necessidade de Gabriel de ter um filho...

Julia levou os dedos ao colar em seu pescoço. Sabia que Gabriel queria ter filhos com ela. Eles já haviam conversado sobre isso antes mesmo de ficarem noivos. Mas também tinham concordado em esperar até ela terminar o doutorado. Isso levaria ainda uns cinco ou seis anos.

Por que ele está tocando nesse assunto agora?

A pesquisa já era motivo suficiente de ansiedade. Em setembro, estaria de volta às aulas, preparando-se para a prova de qualificação que precisaria fazer no ano seguinte.

Mais urgente ainda era a palestra que daria em Oxford dentro de semanas. No semestre anterior, Julia havia escrito um artigo sobre Guido da Montefeltro para o curso da professora Marinelli. Ela gostara muito do resultado e mencionara o

artigo para a professora Picton, que incentivou Julia a submeter um resumo aos organizadores da conferência.

Julia ficara eufórica ao saber que sua proposta havia sido aceita. Mas a ideia de estar diante de uma plateia de especialistas em Dante e palestrar sobre temas em que eles eram muito mais especializados do que ela era intimidadora.

Agora, Gabriel estava falando em reverter a vasectomia quando eles voltassem da Europa, em agosto.

E se a vasectomia fosse revertida com sucesso?

Julia foi tomada pela culpa. É claro que ela queria ter um filho dele. E sabia que reverter a vasectomia era mais do que um simples procedimento cirúrgico. Seria um gesto simbólico – significaria que ele finalmente havia se perdoado pelo que acontecera com Paulina e Maia. Que enfim começara a acreditar que era digno de gerar e criar um filho.

Eles haviam rezado por isso. Depois do casamento, tinham ido à cripta de São Francisco e feito uma prece espontânea e íntima, pedindo que Deus abençoasse o casamento e lhes desse uma criança.

Se Deus quiser atender às nossas preces, como posso dizer “agora não”?

Julia teve medo de estar sendo egoísta. Talvez devesse priorizar os filhos, e não seus estudos e suas ambições. Harvard não iria a lugar nenhum. Muita gente voltava à universidade depois de começar uma família.

E se Gabriel não quiser esperar?

Ele tinha razão ao dizer que a vida era curta. O fato de terem perdido Grace era prova disso. Assim que Gabriel se soubesse capaz de gerar uma criança, era provável que fosse querer fazer isso sem demora. Como ela poderia dizer *não*?

Gabriel era uma chama que consumia tudo ao redor. Suas paixões e vontades pareciam sobrepujar os desejos de todos à sua volta. Certa vez ele lhe confessara que ela era a única mulher que tinha lhe dito *não*. Isso provavelmente era verdade.

Julia temia não ser capaz de dizer *não* ao maior anseio dele. Ela seria tomada pelo desejo de agradá-lo, de fazê-lo feliz – e, para isso, sacrificaria a própria felicidade.

Ela não tivera quase nada quando criança. Sua infância com Sharon em St. Louis fora marcada pela pobreza e pela negligência. Mas Julia havia se destacado na escola. A inteligência e a disciplina foram seus trunfos nas universidades de Saint Joseph e Toronto.

Seu primeiro ano em Harvard tinha sido um sucesso. Não era hora de desistir ou abandonar o curso. Não era hora de ter um filho.

Julia cobriu o rosto com as mãos e pediu a Deus que lhe desse forças.



Algumas horas depois, Gabriel entrou na cozinha com seus tênis de corrida e um par de meias nas mãos. Usava short e uma blusa de Harvard e estava prestes a pegar uma garrafa d'água na geladeira quando viu Julia sentada à ilha da cozinha, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Aí está você. – Ele largou os tênis e as meias no chão e lhe deu um insistente beijo de bom-dia.

Foi então que notou os olhos cansados da esposa e as manchas roxas debaixo deles. Ela parecia chateada.

– O que houve?

– Nada. Acabei de limpar a cozinha e a geladeira e agora estou fazendo uma lista de compras.

Ela apontou para uma grande folha de papel coberta pela sua letra caprichada. Ao seu lado havia uma xícara cheia até a metade de café frio, assim como outra lista de tarefas igualmente longa.

Gabriel correu os olhos pela cozinha, que brilhava. Até o piso estava imaculado.

– São sete da manhã. Não está um pouco cedo para faxina?

– Tenho muito o que fazer. – Ela não parecia animada.

Gabriel pegou sua mão e acariciou a palma com o polegar.

– Você parece cansada. Não dormiu bem?

– Acordei cedo e não consegui pegar no sono outra vez. Preciso arrumar os quartos e limpar os banheiros. Depois, tenho que ir ao mercado e planejar as refeições. E... – Ela deu um suspiro trêmulo.

– E? – perguntou ele, baixando a cabeça para fitar os olhos dela. Julia tinha voltado a olhar para a longa lista de tarefas.

– Preciso me apressar. Ainda nem troquei de roupa. – Ela juntou as beiradas do seu roupão azul-claro e começou a se levantar.

Gabriel a deteve.

– Você não precisa fazer nada. Eu falei que iria encontrar alguém para limpar a casa e vou fazer isso. – Ele apontou a lista de compras. – Posso passar no mercado depois da minha corrida.

Os ombros dela relaxaram um pouco.

– Isso ajudaria. Obrigada.

Ele aninhou o rosto dela em uma das mãos.

– Volte para a cama. Você está exausta.

– Ainda falta muita coisa para fazer – sussurrou ela.

– Deixe comigo. Você precisa trabalhar na sua palestra. – Ele lhe ofereceu um meio sorriso. – Mas durma um pouco antes. Uma mente cansada é incapaz de trabalhar direito.

Ele tornou a beijá-la e a conduziu até o segundo andar. Afastou as cobertas de cima da cama, ficou olhando enquanto ela se acomodava e então a cobriu.

– Sei que é a primeira vez que recebemos convidados em casa. Não espero que você faça o papel de empregada. E certamente não quero que nossos parentes atrapalhem seus prazos. Passe o restante do dia trabalhando no escritório. Esqueça qualquer outra coisa. Eu cuido de tudo.

Ele pressionou os lábios na testa dela e apagou a luz, deixando Julia dormir.



Gabriel costumava ouvir música enquanto corria, mas nessa manhã sua mente estava distraída. Julianne estava sobrecarregada; isso era óbvio. Não tinha o hábito de levantar cedo e, pela sua cara de cansaço, estava acordada havia horas.

Talvez não deversem ter convidado a família para uma visita antes da palestra dela. Gabriel nunca recebera mais de uma ou duas pessoas de cada vez – e, mesmo nessas ocasiões, contava com a ajuda de uma empregada e de uma conta bancária que lhe permitia levar seus hóspedes para comer fora.

Pobre Julianne. Gabriel se lembrou de seu próprio tempo em Harvard. Na época, as férias nunca eram um verdadeiro descanso, pois sempre havia trabalho a fazer, línguas para aprender e provas para as quais se preparar.

Era um alívio ser professor titular. Ele não trocava de lugar com Julia por nada. Ainda mais sabendo que costumava lidar com as pressões da pós-graduação bebendo, cheirando cocaína e transando com P...

Gabriel tropeçou e foi jogado para a frente quando o bico do seu tênis ficou preso na calçada. Ele se ajeitou depressa e recuperou o ritmo, forçando-se a se concentrar em seus passos.

Não gostava de pensar nos anos que passara em Harvard. Desde que tinha voltado a morar em Cambridge, suas experiências com as drogas lhe voltavam à mente com tanta clareza que, às vezes, ele poderia jurar que sentia a cocaína entrando pelas suas narinas. Quando dirigia pelo campus da universidade ou entrava em um dos seus prédios, sentia uma fissura tão intensa que chegava a doer.

Até ali, com a graça de Deus, havia resistido. As reuniões semanais nos Narcó-

ticos Anônimos sem dúvida tinham ajudado, assim como as consultas mensais com um terapeuta.

E além disso, é claro, havia Julianne.

Se Gabriel tinha de fato entrado em contato com um poder superior em Assis, no ano passado, Julianne era seu anjo da guarda. Ela o amava, o inspirava, tornava sua casa um lar. Mas ele não conseguia se livrar do medo de que o Céu lhe havia sorrído apenas para ganhar tempo antes de tirá-la dele.

Gabriel mudara em vários sentidos desde a época em que Julianne era sua aluna. Porém ainda não conseguira abandonar a crença de que não era digno de uma felicidade duradoura. Como o próprio terapeuta alertara, ele sempre caía no mesmo padrão de autossabotagem.

Grace, sua mãe adotiva, morrera de câncer cerca de dois anos antes. Sua morte prematura simbolizava quanto a vida é curta e incerta. Se ele perdesse Julianne...

Se tivesse um filho com ela, jamais a perderia, uma voz baixa e serena sussurrou em seu ouvido.

Gabriel acelerou o passo. A voz tinha razão, mas não expressava o principal motivo para ele querer ter um bebê com Julianne. Queria uma família com filhos – uma vida cheia de riso e da certeza de que ele poderia consertar os erros cometidos pelos pais biológicos.

No entanto, ele não dividia esses conflitos internos com a esposa. Julia tinha muitas preocupações e ele detestaria lhe causar mais. Ela se preocuparia com seus vícios e medos, e Gabriel já a fizera sofrer muito.

Enquanto corria pelo familiar trajeto de sua antiga vizinhança, ele se perguntava por que Julia estaria tão abatida mais cedo. Tinham passado uma noite incrível juntos, celebrando o amor no pomar e depois na cama. Quebrou a cabeça tentando descobrir se havia feito algo que a magoara. Mas o sexo entre os dois tinha sido, como sempre, tão apaixonado quanto carinhoso.

Havia outra possibilidade e Gabriel se amaldiçoou por não ter pensado nela antes. Julianne sempre demonstrou certa ansiedade por voltar a Selinsgrove. Um ano e meio atrás, seu ex-namorado, Simon, invadira a casa do pai dela e a atacara. Pouco depois, a atual namorada dele, Natalie, tinha confrontado Julia em um restaurante, ameaçando divulgar fotos obscenas dela caso ela não retirasse a queixa de agressão.

Julianne conseguira convencer Natalie de que não seria vantajoso para ela divulgar as imagens, pois também comprometeriam Simon. O pai dele era senador e estava concorrendo à Presidência, e Natalie trabalhava na campanha.

Na época, Gabriel guardara para si suas dúvidas quanto ao sucesso de Julia

nessa questão. Ele sabia que, uma vez que uma pessoa tomava gosto pela chantage, ela sempre recorreria a essa mesma tática.

Ele praguejou novamente, correndo a uma velocidade extenuante. Nunca contara a Julia o que havia feito. Tampouco queria fazer isso agora. Mas, se ela estava preocupada com Simon e Natalie, então talvez estivesse na hora de lhe contar a verdade...



Quando Gabriel voltou da corrida, Julia ainda estava dormindo. Ele riu ao notar os pés descalços dela despontando por debaixo das cobertas. Julia não gostava que seus pés ficassem quentes, então os colocava para fora enquanto mantinha o resto do corpo debaixo de vários cobertores.

Inclinando-se sobre ela, Gabriel cobriu seus pés e foi tomar uma ducha. Depois de se vestir, tornou a dar uma olhada nela, mas Julia continuava dormindo. Desceu as escadas, pegou na cozinha as listas que ela fizera e seguiu para o Range Rover. Com alguma sorte, conseguiria fazer as compras e arrumaria uma faxineira antes que ela acordasse.



Às onze da noite, Julia finalmente desceu do segundo andar. Encontrou Gabriel sentado na sala de estar, lendo. Ele estava em um sofá de couro, com os pés repousados sobre uma otomana. Seus olhos se moviam por trás dos óculos.

– Ora, ora, vejam só quem apareceu. – Ele a cumprimentou, fechando o livro.

– O que está lendo?

Ele lhe mostrou a capa. *O caminho de um peregrino*.

– É bom?

– Muito. Você já leu *Franny e Zooey*, de J. D. Salinger?

– Há muito tempo. Por quê?

– Franny fica angustiada ao ler este livro. Foi assim que ouvi falar dele pela primeira vez.

– Do que se trata?

Ela pegou o exemplar, analisando a contracapa.

– É sobre um cristão ortodoxo russo que tenta descobrir o que significa o ensinamento bíblico de que devemos “orar sem cessar”.

Julia arqueou as sobrancelhas.

- E?
- Estou lendo para descobrir o que ele aprendeu.
- Você está orando por alguma coisa?

Ele esfregou o queixo.

- Estou orando por um bocado de coisas.

- Como o quê?

- Que eu me torne um bom homem, um bom marido e, algum dia, um bom pai.

Ela sorriu e tornou a olhar para o livro.

- Estamos todos em nossas próprias jornadas espirituais, imagino.

- Alguns estão mais adiantados do que outros.

Julia largou o livro e se sentou no colo dele.

- Não concordo. Acho que perseguimos Deus até que Ele nos encontra.

- Como “O cão de caça do céu”, do poema de Francis Thompson?

- Mais ou menos isso.

- Uma das coisas que mais admiro em você é sua compaixão pela fragilidade humana.

- Também tenho meus vícios, Gabriel. Eles só estão escondidos.

Ela correu os olhos pela sala, notando as marcas deixadas pelo aspirador de pó no carpete e os móveis recém-espantados. O ar recendia a limão e pinho.

- A casa está um brinco. Obrigada por arrumar alguém para limpá-la. Consegui adiantar bastante o trabalho hoje.

- Ótimo. - Ele a encarou por sobre a armação dos óculos. - Como está se sentindo?

- Bem melhor. Obrigada por preparar o jantar. - Ela descansou a cabeça no ombro do marido.

- Você não estava com muita fome quando levei a comida lá para cima. - Ele correu os dedos pelos cabelos dela.

- Mas acabei comendo depois. Encontrei um problema no meu artigo, então não consegui comer naquela hora.

- Posso ajudar? - Ele tirou os óculos, pousando-os em cima do livro.

- Não. Não quero que as pessoas achem que você é o cérebro por trás da minha pesquisa.

- Não era isso que estava oferecendo. - Gabriel pareceu ofendido.

- Preciso fazer isso sozinha.

Ele torceu o nariz.

- Acho que você se preocupa demais com o que as pessoas pensam.

– Tenho que me preocupar – disse ela com rispidez. – Se apresentar um artigo que pareça escrito por você, todos vão notar. Christa Peterson já vem espalhando boatos a nosso respeito. Paul me contou.

Gabriel fez cara feia.

– Christa é uma piranha invejosa. A carreira dela está andando para trás, e não para a frente. A Colúmbia a obrigou a se matricular no mestrado em filosofia. Eles se recusaram a aceitá-la no programa de doutorado. Já conversei com a chefe do departamento. Se Christa nos difamar, o risco é todo dela. – Ele se remexeu na poltrona. – E quando você andou falando com Paul?

– Ele me mandou um e-mail depois da conferência de que participou na UCLA. Foi onde viu Christa e ficou sabendo dos boatos que ela estava espalhando.

– Você nem me deixou ler seu artigo. Se bem que já discutimos tanto Guido que tenho certeza de que sei o que vai dizer.

Julia roeu a unha do polegar, mas ficou calada.

Ele a abraçou mais forte.

– Meu livro ajudou em alguma coisa?

– Ajudou, mas estou seguindo uma linha diferente – respondeu ela, evasiva.

– Isso pode ser uma faca de dois gumes, Julianne. A originalidade é bem-vista, mas às vezes métodos consagrados são consagrados por um motivo.

– Vou deixá-lo ler o artigo amanhã, se você tiver tempo.

– É claro que terei tempo. – Gabriel começou a acariciar as costas dela. – Na verdade, estou ansioso para lê-lo. Só quero ajudar você, não prejudicá-la. Sabe disso, não sabe?

– Claro. – Julia tornou a beijá-lo, antes de se aninhar no peito dele. – Só estou preocupada com o que vai achar.

– Serei sincero, mas de um jeito construtivo. Eu prometo.

– Não poderia pedir mais do que isso. – Julia sorriu para ele. – Agora, preciso que você me leve para a cama e me alegre.

Ele estreitou os olhos, pensativo.

– E o que devo fazer para alegrá-la?

– Afastar os problemas da minha cabeça me seduzindo com seu corpo nu.

– E se eu não estiver pronto para ir para a cama?

– Então acho que terei que ir sozinha. E talvez me alegrar por conta própria.

Ela se levantou e se espreguiçou, olhando de esguelha para Gabriel.

Num piscar de olhos ele estava atrás dela, erguendo-a nos braços e correndo em direção às escadas.

CAPÍTULO TRÊS

— Você não pode apresentar isto – disse Gabriel, entrando no escritório na tarde do dia seguinte com uma impressão do artigo de Julia nas mãos.

Ela ergueu os olhos da tela do laptop, horrorizada.

– Por que não?

– Você está errada. – Ele largou as páginas e tirou os óculos, atirando-os em cima da mesa. – São Francisco vai buscar a alma de Guido da Montefeltro depois que ele morre. Já discutimos isso. Você concordou comigo.

Julia cruzou os braços, na defensiva.

– Mudei de ideia.

– Mas é a única interpretação que faz sentido!

Ela engoliu em seco, balançando a cabeça.

Gabriel começou a andar de um lado para outro em frente à mesa dela.

– Nós falamos sobre isso em Belize. Pelo amor de Deus, eu lhe enviei uma ilustração da cena quando estávamos separados! Agora você vai aparecer diante de uma sala cheia de pessoas e dizer que não foi assim?

– Se você tivesse lido as notas de rodapé, veria que...

Ele parou de andar e se virou para encará-la.

– Eu li as notas de rodapé. Nenhuma das suas fontes vai tão longe. Isso não passa de mera especulação.

– *Mera* especulação? – Julia se levantou. – Encontrei várias fontes confiáveis que concordam com grande parte do que digo. A professora Marinelli gostou do meu artigo.

– Ela é boazinha demais com você.

Julia ficou boquiaberta.

– Boazinha demais? Imagino então que você ache que a professora Picton me convidou para a conferência por *mera* caridade?

A expressão de Gabriel se abrandou.

– É claro que não. Ela tem você em alta conta. Mas não quero que fique diante de uma plateia de professores experientes e apresente uma interpretação ingênua. Se tivesse lido meu livro, saberia que...

– Eu li o seu livro, *professor Emerson*. Você só menciona de passagem o texto que estou analisando. E aceita *ingenuamente* a interpretação consagrada, sem refletir se deveria confiar nela.

Gabriel estreitou os olhos.

– Eu aceito a interpretação que faz sentido. – Seu tom de voz era glacial. – Nunca aceito nada ingenuamente.

Julia bateu o pé, bufando de frustração.

– Você não quer que eu tenha minhas próprias ideias? Ou acha que devo repetir o que todos já disseram só porque sou uma reles aluna de doutorado?

O rosto de Gabriel ficou vermelho.

– Eu nunca disse isso. Também já fui aluno, caso não se lembre. Mas não sou mais. Você poderia se beneficiar da minha experiência.

– Ah, aí está. – Julia jogou as mãos para o alto, indignada, e saiu do escritório. Gabriel foi atrás dela.

– Como assim, *aí está*?

Ela não se deu o trabalho de se virar.

– Você só está irritado porque vou discordar de você em público.

– Que bobagem.

– Bobagem? – Desta vez, ela se virou. – Então por que está me dizendo para mudar meu artigo para ficar de acordo com seu livro?

Ele pôs a mão no braço dela.

– Não quero que o artigo concorde comigo. Só estou tentando ajudá-la a não fazer papel de idi... – Ele se interrompeu de repente.

– Como é que é? – Julia questionou, desvencilhando-se da mão dele.

– Nada.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

Quando tornou a abri-los, parecia mais calmo.

– Se começar agora, pode conseguir reescrever o artigo a tempo para a conferência. Eu posso ajudar.

– Não quero a sua ajuda. E não posso mudar minha tese. Eles já publicaram o resumo no site da conferência.

– Vou ligar para Katherine. – Ele lhe abriu um sorriso encorajador. – Ela vai entender.

– Você não vai ligar coisa nenhuma. Não vou mudar o artigo.

Gabriel apertou os lábios em uma linha fina.

– Não é hora de ser teimosa.

– Ah, é sim. É o meu artigo!

– Julianne, preste atenção...

– Você está com medo de que eu faça papel de idiota. E que envergonhe você.

– Não falei isso.

Ela lançou-lhe um olhar que parecia magoado, se não traído.

– Foi o que acabou de falar.

Ela entrou no quarto e tentou fechar a porta atrás de si. Ele esticou a mão, segurando a porta no lugar.

– O que está fazendo?

– Tentando sair de perto de você.

– Julianne, pare. – Ele olhou ao redor, sem saber o que fazer. – Podemos conversar sobre isso.

– Não, não podemos. – Ela pressionou um dedo no peito dele. – Não sou mais sua aluna. Tenho direito às minhas próprias ideias.

– Não foi nada disso que eu falei.

Ela o ignorou e andou em direção ao banheiro.

– Julianne, mas que droga. Pare com isso! – gritou ele diante da porta.

Ela deu meia-volta.

– Não grite comigo!

Gabriel levantou as mãos, como se estivesse se rendendo, e inspirou fundo.

– Desculpe. Vamos nos sentar e conversar.

– Não consigo conversar com você agora, não sem dizer algo de que vá me arrepender depois. E você também precisa se acalmar.

– Para onde você vai?

– Para o banheiro. Vou trancar a porta e evitar você pelo resto do dia. Se não me deixar em paz, vou para a casa do meu pai.

Gabriel fez uma careta. Julia não ficava na casa do pai desde antes de eles se casarem.

– E como pretende fazer isso?

Ela revirou os olhos.

– Não se preocupe, não vou deixar você sem carro. Chamarei um táxi.

– Não tem nenhum táxi na cidade. Você vai precisar chamar um de Sunbury.

Julia lançou-lhe um olhar fulminante.

– Sei disso, Gabriel. Eu morava aqui, lembra? Você deve mesmo achar que eu sou uma imbecil.

Ela entrou no banheiro e bateu a porta atrás de si.

Gabriel ouviu o barulho do trinco girando.

Ele esperou um momento antes de bater à porta.

– Rachel, Aaron e Richard vão chegar a qualquer momento. O que vou dizer a eles?

– Diga que eu sou uma idiota. É óbvio.

– Julianne, me escute. Por favor.

Ele ouviu o som de água corrente vindo do lado de dentro.

– Muito bem! – gritou. – Me evite, então. Nossa primeira briga e você se tranca no maldito banheiro. – Ele espalmou a mão contra a porta.

O barulho da água parou de repente.

Ela ergueu a voz para ser ouvida:

– Minha primeira palestra e você me diz que ela é uma merda. E não por ser verdade, mas porque não está de acordo com você e com seu maldito livro!



Após um banho de banheira quente e demorado, Julia saiu de lá. O quarto estava vazio.

Ela se vestiu depressa e depois foi para o corredor. Caminhou de mansinho até a escada e aguçou os ouvidos.

Convencida de que a casa estava vazia, foi até o escritório e fechou a porta com cuidado. Então sentou-se à mesa e, com um jazz suave como trilha sonora, voltou a trabalhar no artigo.



– Cadê a Julia?

Rachel abraçou o irmão antes de arrastar sua pequena mala e a do marido, Aaron, para dentro da sala de estar. Alta e esguia, usava calças cáqui e uma blusa branca com gola em V. Seus longos cabelos louros e lisos tinham um corte perfeito e estavam presos para trás pelos grandes óculos escuros na cabeça, mostrando seu rosto bonito. Poderia muito bem ter saído de um anúncio da Gap.

A expressão de Gabriel ficou tensa.

– Está trabalhando no artigo dela.

– Você avisou a ela que nós chegamos? – Rachel foi até o pé da escada. – Jules! Tire a bunda dessa cadeira e venha aqui!

– Rachel, por favor – disse seu pai, repreendendo-a antes de cumprimentar Gabriel com um abraço.

Richard era uns cinco centímetros mais baixo que o filho, com cabelos claros e olhos acinzentados. Era discreto e sério, e sua inteligência e gentileza geravam respeito em todos que o conheciam.

Como não ouviu movimento algum no andar de cima, Rachel se virou para o irmão, estreitando os olhos acinzentados iguais aos do pai.

– Por que ela está se escondendo?

Gabriel cumprimentou Aaron com um aperto de mão.

– Ela não está se escondendo. Não deve ter ouvido você. Seus quartos estão prontos e há toalhas limpas no banheiro social. Pai, se quiser, pode ficar no seu antigo quarto.

– O de hóspedes está ótimo. – Richard pegou sua bolsa e começou a subir as escadas.

– Você e Julia estão brigados? – perguntou Rachel, lançando um olhar desconfiado para o irmão.

Ele apertou os lábios.

– Você pode falar com ela lá em cima – desconversou Gabriel. – Depois nos reunimos na varanda para beber alguma coisa. Vou fazer costeletas grelhadas para o jantar.

– Costeletas? Excelente. – Aaron deu um tapinha amigável nas costas de Gabriel. – Eu ia parar para comprar cerveja no caminho, mas Rachel quis vir direto para cá. Vou buscar algumas e já volto.

Ele pegou as chaves do carro e estava prestes a seguir em direção à porta quando a esposa o deteve, balançando a cabeça.

Gabriel percebeu a troca de olhares entre Rachel e Aaron e decidiu que essa era a sua oportunidade de escapar.

– Vejo vocês no quintal daqui a pouco – disse, indo para a cozinha.

Rachel balançou a cabeça para o marido.

– Eles estão brigados. Vou falar com a Jules enquanto você fala com o Gabriel. Depois pode ir comprar cerveja.

– Por que eles teriam brigado? – Aaron correu os dedos pelo cabelo escuro e cacheado.

– Quem sabe? Talvez Julia tenha reorganizado a coleção de gravatas dele sem pedir autorização.



– Oi – disse Rachel, abrindo a porta do antigo escritório de seu pai.

Julia recebeu a melhor amiga com um largo sorriso.

– Rach! Oi!

As duas se abraçaram e Rachel se acomodou em uma das confortáveis poltronas próximas à janela.

– Como você está?

– Bem.

– O que aconteceu entre você e Gabriel?

– Nada.

– Você mente muito mal, sabia?

Julia desviou os olhos.

– O que faz você pensar que há algo de errado?

– Gabriel está lá embaixo com cara de enterro e você está aqui em cima com a mesma cara. A casa está carregada de tensão. Não preciso ser nenhuma médium para perceber.

– Não quero falar sobre isso.

– Os homens são uns idiotas.

– Sou obrigada a concordar.

Julia sentou-se de frente para a melhor amiga, jogando as pernas sobre o braço da poltrona.

– Às vezes também brigo com Aaron. Ele fica com raiva e some por umas duas horas, mas sempre acaba voltando. – Rachel analisou a amiga com atenção. – Quer que eu dê uma surra no Gabriel?

– Não. Mas você tem razão. Estamos brigados.

– O que houve?

– Cometi o erro de deixá-lo ler a palestra em que estou trabalhando. Ele me disse que está uma droga.

– Gabriel falou isso? – Rachel se empertigou em sua poltrona, erguendo a voz.

– Não com essas palavras.

– Onde já se viu? Eu teria tacado alguma coisa na cabeça dele.

Julia sorriu com amargura.

– Pensei em fazer isso, mas não queria ter que limpar o sangue depois.

Rachel riu.

– Por que ele acha que o artigo está uma droga?

– Gabriel pensa que eu estou errada. Falou que só estava tentando ajudar.

– Parece que meu irmão está tentando controlar o artigo como tenta controlar todo o resto. Achei que ele estivesse fazendo terapia para resolver isso.

Julia ficou calada por alguns instantes.

– Não quero que ele minta para mim só para não me magoar. Se o artigo precisa de melhorias, eu tenho que saber.

– Ele deveria ser capaz de ajudá-la sem dizer que sua palestra está horrível.

Julia bufou de frustração.

– Exatamente. Primeiro ele diz que quer formar uma família comigo. Mas, no momento seguinte, começa a agir como um babaca condescendente.

Rachel levantou a mão, fazendo um gesto para que a amiga parasse.

– Espere um minuto. Ele quer ter filhos?

Julia se remexeu na poltrona.

– Sim.

– Jules, isso é demais! Fico tão feliz por você. Quando vão começar a tentar?

– Nem tão cedo. Concordamos em esperar até eu terminar o doutorado.

– Isso é bastante tempo – comentou Rachel, com a voz mais baixa.

– Seria muito difícil trabalhar em uma tese e cuidar de um bebê.

Rachel assentiu. Ela brincou com a bainha da sua blusa.

– Nós estamos pensando em ter um.

Julia mudou de posição para encarar a amiga.

– Agora?

– Talvez.

– Como você soube que estava pronta?

Rachel sorriu.

– Eu não sei, para dizer a verdade. Sempre quis ter filhos, e Aaron também. Falamos no assunto desde o ensino médio. Eu amo o Aaron. Ficaria feliz em viver com ele, só nós dois. Mas, quando vislumbro o futuro, vejo crianças. Quero que tenhamos alguém para vir nos visitar no Natal. Se aprendi algo com a morte da minha mãe, é que a vida é incerta. Não quero ficar esperando para começar uma família e acabar perdendo minha chance.

Julia sentia que estava à beira das lágrimas, mas piscou os olhos para contê-las.

– Você faz mamografia todos os anos, não faz?

– Sim, e também fiz o teste genético. Não tenho o gene do câncer de mama, mas desconfio que mamãe também não o tinha. E, mesmo que tivesse, ao descobrirem já teria sido tarde demais para ela.

– Sinto muito.

Rachel suspirou e olhou pela janela.

– Não gosto de falar nisso, mas é algo que me preocupa. E se tivermos filhos e eu desenvolver um câncer? Esse assunto está sempre ali, em algum canto da minha mente.

Rachel se virou para a amiga.

– Ter filhos seria um modo de fazer Gabriel perder essa atitude condescendente.

– Por quê?

– Meu irmão não vai agir assim quando o bebê sujar a fralda nos braços dele.

Vai é gritar o seu nome, implorando por ajuda.

Julia riu. Mas logo voltou a ficar séria.

– Só quero que ele dê valor às minhas ideias. Elas são tão importantes quanto as dele.

– É claro que são. Diga isso a ele.

– Vou dizer. Mas, por enquanto, não estamos nos falando.

Rachel arrastou a mão para a frente e para trás sobre o braço da poltrona.

– Ele evoluiu muito. Só de vê-lo casado e falando em começar uma família... é extraordinário. Mamãe me contou que, quando eles trouxeram Gabriel para casa, ele costumava esconder comida no quarto. Não importava o que eles dissessem ou fizessem, ele sempre enfiava alguma coisa no bolso depois de cada refeição.

– Por fome?

– Por medo de *passar* fome. Não confiava que mamãe e papai fossem continuar lhe dando de comer. Então fazia um estoque para quando eles parassem. Ele também não desfez as malas. Só depois da adoção oficial. Achou até o último momento que meus pais fossem mandá-lo embora.

– Eu não sabia disso. – Julia sentiu um aperto no peito.

Rachel lançou-lhe um olhar solidário.

– Gabriel é meu irmão e eu o amo. Mas ele fala sem pensar. Provavelmente o problema dele com o artigo é que você não o escreveu como ele teria feito.

– Não vou escrever as coisas do jeito dele. Tenho minhas próprias ideias.

– Meu conselho é que você converse com ele. É claro que não seria má ideia fazê-lo suar um pouco antes. Coloque-o para dormir no sofá.

– Infelizmente, eu é que devo acabar no sofá.

Julia apontou para o sofá encostado na parede oposta.



Dizer que aquele jantar foi desagradável seria um eufemismo.

Julia e Gabriel se sentaram lado a lado. Chegaram até a dar as mãos durante a prece. Mas tudo não passou de uma cortesia forçada – não houve nenhum olhar carinhoso, nenhuma palavra de afeto sussurrada, nenhum toque furtivo debaixo da mesa.

As costas de Gabriel estavam eretas e ele se comportava com frieza. Julia estava calada e distraída.

Richard, Aaron e Rachel mantiveram a conversa fluindo, ao passo que o casal mal falava. Depois do jantar, Julia recusou a sobremesa e pediu licença para trabalhar em sua palestra.

Os olhos de Gabriel a seguiram enquanto ela deixava a mesa, um músculo saltando em sua mandíbula. Mas não a deteve. Apenas a observou ir embora.

Quando Rachel foi à cozinha para fazer café, Aaron decidiu que já estava farto daquilo. Ele se debruçou na mesa e disse:

– Engula esse orgulho besta e peça desculpas a ela, cara.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– Por que você supõe que a culpa seja minha?

– Porque é você que tem um pa... – O olhar de Aaron cruzou com o do sogro e ele começou a tossir. – Hum, de acordo com as estatísticas, oitenta por cento das brigas são culpa do homem. Apenas peça desculpas e acabe logo com isso. Não quero ter que aturar outra refeição como esta. O clima aqui dentro está tão frio que vou lá para fora me esquentar.

– Acho que vou ter que concordar com Aaron. Não que você tenha pedido minha opinião – disse Richard, rindo.

Gabriel olhou para os dois com algo muito parecido com aversão.

– Eu tentei conversar com ela. Foi assim que a briga começou. Ela se trancou no banheiro e me mandou sumir.

Richard e Aaron trocaram olhares de cumplicidade.

– Você está encrencado – disse Aaron, assobiando. – É melhor ter uma conversa com ela antes de ir para a cama, ou vai acabar no sofá.

Ele balançou a cabeça antes de ir se juntar à esposa na cozinha.

Richard tamborilava na haste da sua taça de vinho, pensativo.

– *Et tu, Brute?* – perguntou Gabriel, fechando a cara.

– Não falei nada. – Richard olhou para o filho com carinho. – Estou tentando ficar fora disso.

– Obrigado.

– Mas não é à toa que casais mais velhos aconselham os mais jovens a não irem dormir zangados um com o outro. Lidar com os problemas quando eles estão no começo vai facilitar a vida de vocês.

– Não posso ter uma conversa através de uma porta trancada.

– É claro que pode. Você a conquistou uma vez, por que não a conquista de novo?

Gabriel fitou Richard com uma expressão incrédula.

– Está dizendo que devo conquistar minha própria esposa?

– Estou dizendo que deixe seu ego de lado, peça desculpas e então ouça o que ela tem a dizer. Nem sempre eu fui como sou agora, Gabriel. Você pode aprender com meus erros.

– Você e mamãe tinham o casamento perfeito.

Richard soltou uma gargalhada.

– Nosso casamento estava longe de ser perfeito. Mas logo no início fizemos um pacto de que iríamos manter as imperfeições dele longe dos olhos e ouvidos dos nossos filhos. As crianças sofrem quando os pais brigam. E, pela minha experiência, casais brigam por dinheiro, sexo e falta de respeito e atenção.

Gabriel começou a protestar, mas Richard ergueu a mão.

– Não estou perguntando o motivo da briga de vocês. Isso é entre você e sua esposa. Mas é óbvio que Julia ficou magoada. Ela passou o jantar inteiro retraída, do jeito que costumava ser antes de se envolver com você.

– Não fui eu quem acabou com qualquer possibilidade de conversa racional.

– Gabriel soou arrogante.

– Ouça o que está dizendo. – Desta vez, Richard falou em tom de bronca. – Julia não está sendo irracional. Ela está magoada. Quando alguém magoa você, retrair-se é uma reação muito racional. Ainda mais se levarmos em conta a história de vida dela.

Gabriel fez uma careta.

– Não tinha a intenção de magoá-la.

– Tenho certeza que não. Mas também sei que você não joga limpo. Aprender a discutir com quem você ama é uma arte, não uma ciência. Eu e sua mãe demos muito tempo para descobrir isso. Mas, depois que descobrimos, nossas discussões foram se tornando cada vez mais raras. E, se por acaso brigávamos, não deixávamos a coisa ficar feia ou agressiva. Se, mesmo discutindo com Julia, conseguir convencê-la de que a ama e de que ela é importante para você, seus conflitos serão mais fáceis de administrar.

Richard terminou o vinho e pousou a taça sobre a mesa.

– Ouça um homem que foi casado por bastante tempo e criou uma filha. Quando uma mulher se retrai e fica fria, é porque está se protegendo. Meu conselho é que você seja gentil com a sua esposa. Conquiste-a outra vez e convença-a a sair daquele quarto. Ou pode ir se preparando para passar várias noites solitárias no sofá.



Já passava da meia-noite quando Julia fechou o laptop. Ela sabia que todos já tinham ido para a cama. Ouvira os passos deles no corredor.

Foi de fininho até a porta do escritório e a abriu. A luz escapava por debaixo da porta do quarto principal. Sem dúvida Gabriel estava acordado, lendo.

Ela cogitou ir ao seu encontro. Mas a distância que a separava de sua cama parecia intransponível.

Pegou o frasco de espuma de banho que roubara da suíte deles depois do jantar. Tomaria outro banho quente no banheiro social para tentar esquecer os problemas. Meia hora depois voltou ao escritório, fechando a porta em seguida. Sentia-se revigorada, mas não muito mais relaxada do que antes. Como Gabriel estava decidido a manter distância dela, Julia dormiria no sofá.

Deitada debaixo da velha manta de lã que eles haviam dividido pela primeira vez tanto anos antes no pomar, Julia pensou na casa deles em Cambridge. Lembrou os primeiros meses de casamento e como tinham sido felizes.

Ela queria se tornar especialista em Dante. Esse era um longo caminho que exigiria sacrifícios, dedicação e humildade. Não queria ser o tipo de pessoa que se considerava acima de qualquer crítica. Sabia que o artigo ainda precisava ser melhorado.

Mas, quando Gabriel lhe disse que ela faria papel de idiota, a dor foi excruciante. Ela precisava do seu incentivo, do seu encorajamento, e não que ele a menosprezasse. Sua autoestima já era frágil o suficiente.

Por que ele não vê que preciso do seu apoio?

Sentindo a tristeza aumentar, Julia se perguntou por que ele não a procurara.

Sem dúvida passara a noite com a família, fumando um charuto na varanda e conversando sobre os velhos tempos. Julia se perguntou que tipo de explicação teria dado a Rachel sobre a briga deles. Perguntou-se por que estava sozinha no escuro, à beira das lágrimas, e por que ele não parecia se incomodar com isso.

Foi então que ouviu uma porta se abrir no corredor. Em seguida, escutou os passos rápidos e determinados de Gabriel. Eles pararam em frente à porta do escritório.

Ela se sentou no sofá, prendendo a respiração. Uma luz fraca veio do corredor, entrando no escritório através da fresta sob a porta.

Ó deuses dos recém-casados brigados, por favor, façam com que ele bata à minha porta.

Ela ouviu algo que lhe pareceu um suspiro angustiado e o som do que poderia ter sido a mão dele pousando na porta. Então viu uma sombra atravessar a luz enquanto os passos seguiam o caminho de volta.

Julia se enroscou em posição fetal, mas não chorou.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br